



NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE ÀS EMERGÊNCIAS E DESASTRES COLETIVOS

NOTAS INTRODUCTORIAS SOBRE EL DESEMPEÑO DEL PSICÓLOGO ANTE EMERGENCIAS Y DESASTRES COLECTIVOS

INTRODUCTORY NOTES ON THE PSYCHOLOGIST'S PERFORMANCE IN THE FACE OF COLLECTIVE EMERGENCIES AND DISASTERS

Jessica Kock¹
Merilim Andrade²
Paula Mendonça³

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar notas introdutórias acerca da prática dos profissionais da Psicologia em situações de emergências e desastres, a partir de uma breve revisão de artigos publicados recentemente sobre o assunto. O texto contempla as possíveis intervenções do psicólogo tanto no momento logo após o desastre, quanto depois de passado certo tempo deste e aqueles com caráter preventivo. A presente exposição visa à ampliação e divulgação do conhecimento produzido e que sustenta este campo de atuação da Psicologia.

Palavras-chave: Emergências; Desastres; Intervenção em crise; Atuação do psicólogo.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar notas introductorias sobre la práctica de los profesionales de Psicología en emergencias y desastres, a partir de una breve revisión de artículos publicados recientemente sobre el tema. El texto contempla las posibles intervenciones del psicólogo tanto en el momento inmediatamente posterior al desastre, como luego de transcurrido un determinado período de tiempo y aquellas con carácter preventivo. Esta exposición tiene como objetivo ampliar y difundir los conocimientos producidos y que sustentan este campo de acción en Psicología.

Palabras clave: Emergencias; Desastres; Intervención en crisis; Desempeño del psicólogo.

ABSTRACT: This article aims to present introductory notes about the practice of Psychology professionals in emergencies and disasters, based on a brief review of recently published articles on the subject. The text contemplates the possible interventions of the psychologist both in the moment immediately after the disaster and after a certain period of time has passed, and those with a preventive character. This exhibition intends to expand and disseminate the knowledge produced and that sustains this field of action in Psychology.

KEYWORDS: Emergencies; Disasters; Crisis intervention; Psychologist performance.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da discussão das possibilidades de atuação da Psicologia em situações de crise, desastres e tragédias por um grupo de estagiárias de Clínica Comportamental na PUC Minas frente à pandemia da COVID-19. A discussão surgiu naturalmente devido às dúvidas levantadas sobre o que e como o psicólogo pode atuar em situações mobilizadoras e ansiogênicas, como a pandemia.

¹ jessicaekock@gmail.com

² merilimandrade@yahoo.com.br

³ paulasmendonca@gmail.com

Para que se pudesse embasar a discussão, foram escolhidos sete artigos encontrados no Google Acadêmico pelas palavras-chaves “Atuação da Psicologia em Emergências e Desastres” e “Psicologia Intervenção em Crise”, com data de publicação entre 2008 a 2018, que compreendiam tanto estudos teóricos quanto empíricos. As produções procederam dos seguintes periódicos: O Mundo da Saúde, Psicólogo inFormação, Psicologia: Ciência e Profissão, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Revista Brasileira de Psicoterapia, Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais.

Após a identificação e seleção dos artigos que seriam usados como referência para a discussão aqui proposta, suas ideias centrais foram trabalhadas na seção seguinte. Buscou-se a compilação dos pontos centrais dos artigos, com vistas ao esclarecimento a respeito do que pode fazer um profissional da Psicologia em situações de grave ameaça à comunidade e à sua saúde mental, produzindo, dessa forma, notas introdutórias sobre o assunto.

2 PRINCIPAIS PRESSUPOSTOS PARA A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA

Situações de calamidade pública exigem ações de equipes multiprofissionais, em uma tentativa de aliviar as consequências geradas por elas. Ainda que a atuação do psicólogo em tais eventos seja um campo de estudo relativamente novo no Brasil (MELO; SANTOS, 2011; TRINDADE; SERPA, 2013), é possível observar que esse profissional pode contribuir de maneira significativa em fatalidades, não apenas com ações emergenciais, mas também de médio prazo e com ações preventivas.

Desastres são, infelizmente, muito comuns. Dentre eles estão eventos como fenômenos naturais, violência urbana, acidentes automobilísticos e doenças crônicas (MELO; SANTOS, 2011). Embora o Brasil não seja considerado um país com potencial para grandes catástrofes, como terremotos, furacões e etc., eventos como enchentes e deslizamentos de terras têm se tornado cada vez mais frequentes (PARANHOS; WERLANG, 2015) e acometido um grande número de pessoas. É possível acrescentar o rompimento da barragem em Brumadinho – MG, no ano de 2019, como exemplo de um desastre devastador.

Quando as pessoas vivem uma situação de desastre a experiência traumática é experimentada de forma diferente por cada uma delas. Os recursos que cada pessoa tem para lidar com a crise podem favorecer de forma que ela se recupere e se reorganize de forma natural ou pode fazer com que ela se torne disfuncional após o evento. O trauma pode ser entendido “como um forte abalo emocional ou moral”, “uma desorganização mental” ou, como sugere a

epistemologia grega da palavra, “uma ferida” (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008, n.p). A intervenção do psicólogo nesses eventos terá a intenção de facilitar a reabilitação e a reconstrução das comunidades e dos indivíduos afetados (SILVA *et al.*, 2013), em uma tentativa de recuperar seu funcionamento anterior ao evento (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008).

A atuação de tais profissionais pode acontecer de duas formas: i) diretamente com as vítimas, proporcionando uma escuta atenta, apoio e prestação correta de informações; ii) indiretamente, dando auxílio aos profissionais envolvidos no evento, proporcionando treinamento dos agentes que atuam na resposta às ocorrências (PAULINO; SANT’ANA, 2018).

Uma vez ocorrido o desastre, na primeira atenção às vítimas é importante que as intervenções sejam breves e focadas no presente, com o objetivo de prevenir ou reduzir dificuldades psicológicas em longo prazo. Os Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) fazem parte de um protocolo da *National Center*, com o objetivo de padronizar os atendimentos às vítimas com reações agudas ao estresse. Eles são divididos em nove etapas: (1) preparação das estratégias, (2) primeiros contatos com as vítimas, (3) segurança e conforto promovendo a rede social, (4) estabilização – para as vítimas emocionalmente sobrecarregadas, (5) busca de informação sobre os sujeitos acompanhados, (6) assistência prática em intermediações de saúde e documentação, por exemplo, (7) contato com apoio social de pessoas com as quais as vítimas tinham vínculo, (8) ensino de estratégias de manejo do estresse e (9) contato com serviço de colaboração para auxílio (SILVA *et al.*, 2013).

Esse procedimento foi adotado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Trauma e Estresse (NEPTE) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na crise ocorrida com o incêndio da boate Kiss, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em janeiro de 2013, que vitimou 242 pessoas e feriu fisicamente outras 680 (SILVA *et al.*, 2013). De acordo com os autores, o NEPTE ajudou na organização do atendimento aos sobreviventes e aos familiares das vítimas, nos primeiros atendimentos psicológicos dos afetados, fazendo uma espécie de triagem entre aqueles que necessitavam apenas de um primeiro suporte e aqueles que precisavam de um acompanhamento com prazo mais longo. Destaca-se que o trabalho foi diferenciado conforme as demandas dos diferentes afetados (vítimas, familiares e profissionais), tentando auxiliar o maior número possível de pessoas. Além do atendimento aos envolvidos, foram ministrados treinamentos de voluntários e de pessoas que pudessem dar continuidade ao trabalho do NEPTE na cidade, o que ressaltou a importância do preparo para que mais indivíduos pudessem auxiliar não só nos cuidados iniciais, como também prosseguir com a assistência necessária (SILVA *et al.* 2013).

Ainda que haja um procedimento para lidar com as situações emergenciais é importante ter em mente que estas tragédias impactam as pessoas de um modo singular, podendo abalar a saúde mental dos envolvidos. A forma como o sujeito reagirá a um evento estressor, “será em função da interação dele com o evento e o ambiente” (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008, n.p), não sendo possível prever o aparecimento de uma eventual crise psicológica. Neste contexto, o conceito de resiliência ganha destaque uma vez que “pessoas resilientes conseguem manter um equilíbrio estável sem que tenham afetado o seu rendimento e a sua vida em geral, quando acometidos por situações traumáticas” (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008, n.p). Embora não seja esperado que todas as vítimas desenvolvam transtornos psicológicos em função do evento traumático, os sujeitos afetados irão vivenciar reações agudas que justificam a necessidade de apoio (SILVA *et al.*, 2013), pois em eventos catastróficos, a saúde mental de pessoas é abalada, podendo desencadear comportamentos de estresse, depressão, tendências ao suicídio, violência, uso indevido de substâncias psicoativas, entre outros. É importante salientar que intervenções com esse público são consideradas como suporte ou aconselhamento e não como tratamento psicoterápico (PARANHOS; WERLANG, 2015).

A perda de uma vida humana é, sem dúvida, um dos fatos mais difíceis de enfrentar. As situações de perda por morte, em consequência de desastres, acarretam a vivência de um luto com algumas particularidades, o que faz com que as pessoas necessitem de atenção de forma diferenciada. No luto desencadeado por desastres pode ser que os envolvidos tenham que, por exemplo, lidar com a dificuldade em localizar/identificar os corpos, para que os rituais de despedida sejam realizados, permitindo uma finalização da perda. Além disso, é preciso ter em mente que, em situações inesperadas e traumáticas, uma das grandes dificuldades vividas pelos sobreviventes é a perda do mundo presumido – isto é, “sua interpretação do passado, as expectativas do futuro, planos e preconceitos” (FRANCO, 2012, p. 57) – e a adaptação à nova realidade, provocada pela crise. A vida que o indivíduo vivia era o único mundo que ele efetivamente conhecia, incluindo sua interpretação do passado e suas expectativas para o futuro. Assim, a intervenção de profissionais da Psicologia deve ajudá-lo a adquirir novos repertórios, tendo clareza ao identificar em que aspectos o mundo presumido mudou e com o que a pessoa pode contar para construir um novo significado para sua existência. Para isso, um novo *setting* clínico terá que ser construído. O psicólogo terá, por exemplo, que visitar o local do desastre, receber informações corretas e participar de celebrações. Essas também são consideradas ações terapêuticas (FRANCO, 2012).

Além das experiências de luto individuais, hoje considera-se que uma comunidade

bem mais ampla sofre em razão dos desastres uma vez que mais pessoas são expostas às tragédias pelos meios de comunicação. Franco (2012) ressalta o conceito de luto público, em que as perdas não são sentidas apenas pela comunidade onde o desastre ocorreu, passando a afetar a todos quase que em tempo real, dada a velocidade da informação, fazendo com que os impactos psicológicos provocados pelo evento sejam também globalizados e de grandes proporções (FRANCO, 2012). Contudo, ainda que a autora traga o termo “luto” para a vivência do sofrimento das pessoas que tiveram contato com a tragédia pelos meios de comunicação, entende-se que o impacto causado por este seja bem menor se comparado ao luto das pessoas diretamente envolvidas no ocorrido.

Em situações de catástrofe muitos órgãos são acionados ou se voluntariam em apoio à comunidade. Logo, é inevitável que o psicólogo tenha que trabalhar com uma equipe multidisciplinar. Sua atuação pode se dar de maneira indireta dando suporte a outros profissionais através do acolhimento daqueles que trabalham na linha de frente, como bombeiros, enfermeiros, agentes da defesa civil, entre outros. Através da escuta prestada a estes profissionais o psicólogo pode trazer à sua consciência as repercussões emocionais geradas pelo trabalho desenvolvido diretamente com aqueles que vivem o evento traumático. Além disso, é possível desenvolver uma atenção à dimensão e à complexidade das tarefas realizadas por estes profissionais, o que os levaria a identificar os desafios dessas tarefas e aceitar suas próprias limitações frente a elas (MELO; SANTOS, 2011).

Além das possibilidades de intervenção já mencionadas, é importante destacar a atuação preventiva do psicólogo. Mesmo nas situações de risco devido aos fenômenos naturais, o papel e a interferência do ser humano é inegável, em função da urbanização crescente, da pobreza e do abuso dos recursos ambientais (TRINDADE; SERPA, 2013). Considerando este cenário, o psicólogo pode colaborar para uma maior percepção da comunidade em relação aos riscos que ela corre. A educação ambiental em escolas e grupos comunitários pode ser uma maneira de desenvolver autocuidado e estratégias de prevenção, com um olhar voltado para o modo como o sujeito se relaciona com a comunidade em geral, avaliando possíveis ocorrências futuras (MELO; SANTOS, 2011). Essa educação caracteriza-se pela conscientização da comunidade sobre suas vulnerabilidades frente aos problemas, fortalecendo-as para que consigam não só lidar com um possível desastre, mas, principalmente, que consigam evitá-lo (TRINDADE; SERPA, 2013).

Tendo como base a Psicologia Positiva, cujo foco são as forças dos indivíduos, em contextos de crise é importante que se trabalhe não só com as dificuldades das pessoas frente à emergência, mas, principalmente, com suas potencialidades para enfrentar a situação deses-

tabilizadora, gerada pela vivência traumática estressora. Assim, todas as intervenções podem ser feitas centrando-se nas competências individuais do sujeito para o manejo da situação e nos recursos que ele tem disponíveis e que podem ser ativados. Além disso, torna-se também papel do psicólogo propiciar que as pessoas não apenas recebam ajuda, mas que possam se ajudar, convidando-as a um papel ativo no processo de enfrentamento e superação da crise. Dessa forma, o trabalho se dará mais em uma concepção a favor de fortalecer uma estrutura que já está pronta, mas que se encontra abalada. Nessa perspectiva, ainda que eventos catastróficos tragam inegavelmente dor e tristeza, sempre há a possibilidade de sua vivência gerar novas perspectivas e esperança (PARANHOS; WERLANG, 2015).

3 À GUIA DE CONCLUSÃO

Pandemias, catástrofes e desastres são eventos que podem marcar a vida das pessoas, e a Psicologia tem sido chamada a contribuir nessas situações, valendo-se de seus saberes e fazeres, de forma a contribuir com o restabelecimento do funcionamento do indivíduo afetado por estes fenômenos e de seu entorno. O presente artigo demonstrou que em situações emergenciais é fundamental poder contar com profissionais com formação adequada, suficientemente capacitados, para que possam atuar de forma ética e cuidadosa, respeitando a necessidade dos atingidos e entendendo as especificidades de cada situação, mesmo quando há um protocolo para a intervenção.

Alguns pontos que merecem destaque sobre o contexto em que se desenvolve o trabalho do psicólogo em emergências e desastres são: i) a necessidade de verificar as condições físicas e psicológicas do indivíduo impactado pelo evento traumático, de forma a avaliar quando, como e de que forma a intervenção deve ser feita; ii) o papel que o psicólogo pode desempenhar junto aos demais profissionais, oferecendo-lhes suporte e apoio; iii) a presença do psicólogo é recomendada, mas não imperativa; ; iv) os impactos das crises e tragédias não afetam apenas os diretamente envolvidos, mas se tornam uma vivência comunitária, graças aos meios de comunicação, o que faz com que diferentes desdobramentos tenham que ser manejados.

Por ser uma área relativamente nova de atuação do psicólogo, é importante que os profissionais que desejam trabalhar em situações emergenciais e de desastres busquem formação sólida, capacitando-se para atuar de forma adequada. Para tanto, o sobrevoo pela literatura a respeito do tema, proposto neste artigo, pode oferecer uma introdução útil àqueles que se interessam pela área. O conhecimento da vivência do outro pode ser usado como modelo para

uma possível ação futura.

Nesse sentido, mais pesquisas e publicações da área revelam-se imprescindíveis, principalmente aquelas que contemplam relatos práticos. Promover debates entre estudantes e profissionais de Psicologia sobre a intervenção do psicólogo em contextos de crise, tais como as provocadas pela pandemia da COVID-19, pode ser uma forma de criar interesse pelo assunto e produzir mais profissionais capacitados para a atuação neste campo. Dessa maneira, contribuir-se-á para que a Psicologia das emergências e dos desastres se consolide como área de conhecimento e campo de trabalho, uma vez que o mundo contemporâneo tem demandado cada vez mais a atuação deste profissional, auxiliando as pessoas no enfrentamento de adversidades e na manutenção de sua saúde mental.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Maria Helena Pereira. Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. São Paulo: **O Mundo da Saúde**, v. 36, n. 1, p. 54-58, 2012. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/06.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

MELO, Cecília Araújo; SANTOS, Felipe Almeida dos. As Contribuições da Psicologia nas Emergências e Desastres. São Paulo: **Psicólogo inFormação**, v. 15, n. 15, p. 169-181, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/viewFile/3177/3045>>. Acesso em: 18 maio 2020.

PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida. Brasília: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 557-571, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200557&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2020.

PAULINO, Andryelle Ferreira; SANT'ANA, Filipe Gustavo Franco. A atuação do Psicólogo Frente às Emergências e Desastres. Alagoas: **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 5, n. 1, p. 81-98, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5309>>. Acesso em: 19 maio 2020.

SILVA, Thiago Loreto Garcia da; MELLO, Patricia Gaspar; SILVEIRA, Karine Aline Laini; WOLFFENBÜTTEL, Laura; LOBO, Beatriz de Oliveira Meneguelo; BICCA, Carla Hervê Moram; OLIVEIRA, Rodrigo Grassi de; KRISTENSEN, Christian Haag. Primeiros Socorros Psicológicos: relato de intervenção em crise em Santa Maria. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 15, n. 1 p. 93-104, 2013. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=113>. Acesso em: 17 março 2021.

TRINDADE, Melina Carvalho; SERPA, Monise Gomes. O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. Rio de Janeiro: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 279-297, abr. 2013. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2020.

SÁ, Samantha Dubugras; WERLANG, Blanca Susana Guevara; PARANHOS, Mariana Esteves. Intervenção em crise. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 4, n. 1, n.p., jun. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2020.